



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS ESTRANGEIRAS**

**ERA DOS EXTREMOS: ANÁLISE POLÍTICA E HISTÓRICA DOS ROMANCES
DISTÓPICOS DE ORWELL, HUXLEY E ATWOOD**

LETÍCIA CONCEIÇÃO SANTOS RAMOS ALVES

SÃO CRISTÓVÃO - SE

2020.2

LETÍCIA CONCEIÇÃO SANTOS RAMOS ALVES

**ERA DOS EXTREMOS: ANÁLISE POLÍTICA E HISTÓRICA DOS ROMANCES
DISTÓPICOS DE ORWELL, HUXLEY E ATWOOD**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao programa de Graduação
em Licenciatura em Letras Português e
Inglês da Universidade Federal de
Sergipe, como requisito parcial para
obtenção do título de Licenciado em
Letras Português e Inglês.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Lúcia
Simões Borges Fonseca

SÃO CRISTÓVÃO - SE

2020.2

LETÍCIA CONCEIÇÃO SANTOS RAMOS ALVES

**ERA DOS EXTREMOS: ANÁLISE POLÍTICA E HISTÓRICA DOS ROMANCES
DISTÓPICOS DE ORWELL, HUXLEY E ATWOOD**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial para a
obtenção do título de Licenciado em
Letras Português e Inglês.

Área de concentração: Literatura

Orientadora: Profa. Dra. Ana Lúcia
Simões Borges Fonseca

SÃO CRISTÓVÃO

2020.2

Dedico este trabalho à minha família, aos meus amigos e professores pelo apoio ao longo dessa caminhada, à minha orientadora sem a qual não teria conseguido concluir esta difícil tarefa e quem me inspira a seguir na docência, ao meu eterno professor e amigo JC e àqueles que acreditam em seus sonhos e em dias melhores.

“Liberdade é pouco. O que eu desejo ainda não tem nome.”

Clarice Lispector

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar criticamente os romances distópicos do ponto de vista de questões históricas e políticas e fundamentar suas origens no gênero utópico. Diante disso, este trabalho possui como obras de análise utopias e distopias. As utopias são: A República (380 a. C.), de Platão, e A Utopia (1516), de Thomas More, enquanto as distopias: 1984 (1949), de George Orwell; Admirável Mundo Novo (1932), de Aldous Huxley e O Conto da Aia (1985), de Margareth Atwood. A distopia é usada como um recurso literário para tratar de problemas políticos e socioculturais agravados na realidade trazida pelo autor pois defende-se a ideia de que a literatura pode ser o meio que os autores usam para realizar uma denúncia social. Partindo desse pressuposto, o trabalho discute os aspectos internos das narrativas para determinar o significado da distopia, como o discurso dos personagens, o ambiente e o pano de fundo político da obra, a fim de propor reflexões sobre a insatisfação com a realidade e o que pode ser feito para melhorá-la. Diante disso, para a análise do caráter da crítica social, presente na literatura de distopia, faz-se necessário que exista o diálogo do momento de produção das obras com os elementos que compõem os romances distópicos. Dessa forma, as origens de regimes teocráticos e totalitários também são discutidas e contrastadas com as obras. Por meio deste trabalho podemos perceber como eles surgem e como evitá-los, considerando a distopia na literatura como aspecto importante para os estudos de possíveis cenários que possam nos cercar futuramente e, ainda, fazer uma análise de contextos passados na história, os quais podem influenciar o comportamento de uma sociedade e o contexto das redes sociais na atualidade, as quais estão intrinsecamente relacionadas aos conceitos de liberdade de expressão e compartilhamento de ideias que conhecemos.

Palavras-chave: Distopias; utopias; crítica social; política; redes sociais.

ABSTRACT

The present work aims to critically analyze dystopian novels from the point of view of historical and political issues and support their origins in the utopian genre. Therefore, this work has utopias and dystopias as its works of analysis. The utopias are Plato's *The Republic* (380 BC) and Thomas More's *Utopia* (1516), while the dystopias are *1984*, by George Orwell (1949), *Brave New World* (1932), by Aldous Huxley, and *The Handmaid's Tale* (1985), by Margareth Atwood. Dystopia is used as a literary resource to deal with political and socio-cultural problems that are aggravated in the reality brought by the author, as it defends the idea that literature can be the means that authors use to carry out a social complaint. Based on this assumption, the work discusses the internal aspects of the narratives to determine the meaning of dystopias, such as the characters' discourse, the environment, and the political background of the work to propose reflections on dissatisfaction with reality and what can be done to improve it. Therefore, for the analysis of the character of social criticism, which is present in dystopian literature, it is necessary to have a dialogue between the moment of production of the works and the elements that make up dystopian novels. In this way, the origins of theocratic and totalitarian regimes are also discussed and contrasted with the works. Through this work, we can see how they arise and how we can avoid them, by considering dystopia in the literature as an important aspect for the studies of possible scenarios that may surround us in the future, and also by making an analysis of past contexts in history, which can influence the behavior of a society and the context of social networks today, which are intrinsically related to the concepts of freedom of expression and sharing of ideas that we know.

Keywords: Dystopias, utopias, social critic, politics, social media.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	6
2 UTOPIA X DISTOPIA: IDEALIZAÇÃO E TOTALITARISMO	8
3 ROMANCES DISTÓPICOS EM CONTRASTE: O DIREITO À LIBERDADE E A AMEAÇA DO TOTALITARISMO ESTATAL.....	15
4 O INDIVÍDUO, AS MÍDIAS E A REPRESENTAÇÃO DO ESTADO	24
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	32
REFERÊNCIAS	34

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho analisa as questões referentes à literatura distópica a partir das obras *1984*, George Orwell (1949); *O Conto da Aia*, Margareth Atwood (1985) e *Admirável Mundo Novo*, Aldous Huxley (1932). A ideia de apresentar uma análise sobre a literatura de distopia originou-se da vontade de desenvolver um Trabalho de Conclusão de Curso na área da Literatura e, sobretudo, do interesse em escrever acerca de obras que retratam uma aproximação com a pós-modernidade¹. Nos cenários fictícios das distopias, situações extremas estão cada vez mais próximas da realidade, motivo pelo qual o estudo dessas obras está relacionado à análise do diálogo das distopias com o mundo real bem como à observação dessas no cenário literário e à sua importância.

As distopias escolhidas são obras do século XIX, em que direitos são medidos por governos totalitários e ideias são monitoradas e, por vezes, censuradas. A análise política e sócio-histórica da literatura de distopia parte do pressuposto de que a distopia na literatura apresenta aspecto importante para os estudos de possíveis cenários que possam nos cercar futuramente, bem como uma análise de contextos passados na história, os quais podem influenciar o comportamento de uma sociedade.

No que se refere ao objeto de estudo, a escolha do tema é direcionada à análise das obras supramencionadas, conectando as distopias a um provável futuro proporcionado pelas mídias. Na atualidade, com o advento das redes sociais, é notório o aumento de pessoas que se comunicam de forma mais frequente e ativa no mundo virtual. Contudo, os algoritmos e as redes sociais promovem, muitas vezes, um consumismo exacerbado, uma busca permanente pelo bem-estar e uma felicidade constante. Logo, embora não exista a proibição institucionalizada da tristeza, como essa é apresentada no livro *Admirável Mundo Novo*, uma análise sobre as distopias e a pós-modernidade, sobretudo no que concerne ao uso das mídias, faz-se importante.

A primeira seção deste trabalho trata da caracterização da distopia enquanto gênero literário e tem como título: *Utopia X Distopia: Idealização e Totalitarismo*. Sendo assim, fez-se necessário, antes, conhecer seu “oposto”, a utopia. Enquanto a utopia se revela como o futuro ideal pensado para seres de uma mesma comunidade, a distopia nos revela o caos de

¹ A noção de pós-modernidade reúne rede de conceitos e modelos de pensamento em “pós”, dentre os quais podemos elencar alguns: sociedade pós-industrial, pós-estruturalismo, pós-fordismo, pós-comunismo, pós-marxismo, pós-hierárquico, pós-liberalismo, pós-imperialismo, pós-urbano, pós-capitalismo. A pós-modernidade coloca-se também em relação com o feminismo, a ecologia, o ambiente, a religião, a planificação, o espaço, o marketing, a administração. O geógrafo Georges Benko afirma que o “pós” é incontornável, o fim do século XX se conjuga em “pós”. Disponível em: <https://meuartigo.brasilescuela.uol.com.br> Acesso em: 3 de abr. de 2021.

um futuro alternativo. Portanto, a seção introdutória nos evidencia semelhanças aparentes entre distopia e utopia, assim como a ideia do coletivo, em que indivíduos inseridos nos cenários apresentados perdem sua individualidade e são apresentados a vontades e pensamentos de caráter coletivista.

A segunda seção, *Romances distópicos em contraste: O direito à liberdade e a ameaça do Totalitarismo Estatal*, tem como objetivo fazer o contraste entre as obras estudadas, ou seja, parte da análise sobre fatores que conectam fatos existentes nas obras com os fatos na história, em nossa atualidade e o possível surgimento de regimes totalitários. Nessa seção é discutido o direito à liberdade, bem como, a ameaça do Totalitarismo Estatal, sobretudo nas obras *Admirável Mundo Novo* e *1984*. Na distopia *O conto da Aia*, a discussão se fundamenta na ameaça de um Regime Totalitário Teocrático, pois nos direciona a um futuro alternativo, onde as mulheres possuem direitos restritos e são proibidas à liberdade de pensamento e expressão. Logo, tal característica tornou-se essencial para a escrita e análise sobre até que ponto a laicidade de um Estado é desconsiderada e sobre a ideia de que os dogmas e comportamentos pregados por uma religião específica necessitam ser seguidos por uma sociedade, de forma obrigatória, por todos aqueles que a ela pertencem.

Na terceira seção, *O indivíduo, as mídias e a representação do Estado*, a análise se direciona ao estudo do indivíduo na pós-modernidade, as representações de mídias e a influência das redes sociais no comportamento da sociedade e no enfrentamento ao surgimento de possíveis golpes de Estado que possam atentar contra os países que possuem um regime democrático em vigor. Ao longo da seção, serão abordados determinados contextos da atualidade como o uso das redes sociais, a manipulação existente no mundo virtual e os perigos dos Regimes Totalitários e Teocráticos. Sendo assim, essa última seção analisa tópicos pertinentes que promovem a comparação e a relação entre as obras discutidas, as quais consideraram características presentes na história da humanidade, a exemplo de relevantes questões políticas e sociais.

2 UTOPIA X DISTOPIA: IDEALIZAÇÃO E TOTALITARISMO

Quando falamos em utopia, é preciso considerar que esta não se define apenas como uma ideia oposta à distopia. Na história da literatura, Platão é um dos primeiros escritores a expressar ideias relacionadas ao que conhecemos como utopia, embora na época o termo não fosse expressamente utilizado. Sua obra *A República* (380 a. C.) é considerada um marco por apresentar ideias políticas abordadas de forma profunda, pois sua narrativa parte da representação de um arquétipo de mundo justo e ideal. Outrossim, as obras utópicas já denunciam sua relação com o imaginário e sua não realização por conta da referência direta à etimologia da palavra utopia², a qual se origina do grego e tem como significado um lugar ideal que não é no agora, mas que pode ser construído no futuro.

Na obra *A República* (380 a. C.), Platão discute de forma incisiva sobre o senso de coletividade. Alguns dos exemplos mostrados em sua obra refletem a ideia de que a família privada deveria ser banida e as crianças educadas em lar comum, assim como a de que o indivíduo só possuiria o próprio corpo como individual sendo todo o resto comum a sociedade. Outro viés abordado é o controle de natalidade apresentado em sua obra, pois Platão sugere a existência de uma idade estipulada para homens e para mulheres procriarem, sendo que nenhuma criança gerada fora desse tempo deveria integrar a sociedade.

Thomas More se destaca como criador do termo “utopia” assim como também remete a ideia do gênero à Platão, que anteriormente havia escrito sua obra *A República* sem uma especificação literária. More, em sua obra *Utopia* (1516), apresenta semelhanças à sociedade apresentada por Platão, principalmente nas características direcionadas à ideia de coletividade em suas sociedades. De mesmo modo, outra semelhança vista entre as obras dos autores é a criação de uma cidade fictícia como objeto de críticas à sociedade a qual pertenciam, pois enquanto Platão escrevia sobre uma sociedade ideal e justa ele estaria, de forma direta, fazendo crítica à sociedade de Atenas, More em sua obra, teria feito o mesmo sobre a Inglaterra do século XVI.

Para More, seguir todas as regras coletivas e individuais era um princípio para viver na sociedade perfeita idealizada em sua obra *Utopia*, a qual é dividida em dois livros. O primeiro é marcado por críticas à Inglaterra Renascentista, ou seja, à época em que o autor vivia, o que

² Utopia é uma palavra inventada por Thomas More, no século XVI, usando o grego. Ela é formada por OU, que significa “não” e TOPOS, “lugar”. Teria o sentido de “lugar nenhum”, mas More e outros utopistas usavam-na para representar um lugar onde tudo funciona perfeitamente. Disponível em: <https://www.gramatica.net.br/> Acesso em: 04 de abr. de 2021

consequentemente causou um enfrentamento a Henrique VIII e seu regime absolutista. O segundo, por sua vez, é marcado por uma ilha fictícia, a qual retrata uma sociedade alternativa que possuía características consideradas por ele como modelo de sociedade ideal. Em seu segundo livro, o autor utiliza o pseudônimo de Rafael Hithodeu e faz duras críticas à sociedade inglesa, afirmando que Londres mantinha as desigualdades e o parlamento estava sujeito às normas do rei. Rafael veio de uma ilha que se apresentava como lugar ideal, pois nela não existia injustiça, desigualdade e os seus representantes trabalhavam por amor e por afinidade com as profissões, não por dinheiro ou prestígio.

Na ilha retratada por Thomas More não existia dinheiro, pois as pessoas tinham acesso aos bens, às escolas e aos hospitais, tornando nula a necessidade do dinheiro como moeda de troca e, assim como na obra de Platão, a propriedade privada não existe porque as pessoas agem em conjunto. O único pré-requisito para viver na ilha é a crença em Deus. Contudo, a ilha permite a pluralidade de religiões e o respeito às diferentes crenças. Segundo Rafael, personagem de *Utopia* (1516), todos na ilha são felizes, moderados, não têm vícios e têm como filosofia principal o bem e a experiência. Todos os cidadãos são iguais entre si e pacifistas. O dinheiro e as calamidades causadas por ele são abolidos, pois More acreditava que as pessoas, em vez de buscar a base e o sentido da vida, buscavam apenas o dinheiro, na crença de que esse as tornaria mais felizes. Com isso, a abolição da moeda de troca e a disponibilização dos bens de consumo às pessoas permitir-lhes-ia ir atrás da felicidade, o que é possível observar no trecho da obra do autor:

Como vêem, nenhum meio subsiste de furtar-se ao trabalho, nenhum pretexto para permanecer ociosos: nada de cabarés, de tavernas, de casas de jogos, nenhuma ocasião de libertinagem, nenhum antro, nenhum local de encontros amorosos. Sempre exposto aos olhos de todos, cada um é obrigado a praticar seu ofício ou a entregar-se a um lazer irreprochável. (MORE, 2012, p. 90)

Em sua sátira à Europa do século XVI, More utiliza um jogo de palavras que reforçam a ideia de que a ilha pertence ao seu imaginário. A ilha é chamada pelo autor de Amauroto (do grego *amauros* = evanescente), ou seja, aquilo que evapora. O rio apresentado é intitulado como Rio Anidro que significaria sem água e o príncipe se chama Ademo, sem o povo. As características dos vocábulos escolhidos pelo autor reforçam o sentido utópico de uma sociedade que não existe. Berriel (2004), em sua publicação *Cidades Utópicas do Renascimento* faz observações acerca dos vocábulos utilizados:

Morus deixou claro o aspecto irreal da sua criação: Utopia é um país de nenhum lugar, Amauroto significa cidade fantasma, o Anidro o rio sem água, o príncipe é Ademo, isto é, sem povo. A Utopia é a especulação de um humanista. A perspectiva de Morus não é econômica, mas ética: é aquela de um homem da ordem que quer a felicidade do povo, mas não através do povo, do qual teme a violência. Morus fixou por muito tempo as características ambíguas da utopia. (BERRIEL, 2004, p. 47).

De acordo com as considerações de Berriel (2005), estudioso das utopias literárias, as utopias são geradas por dois princípios distintos. O primeiro seria a partir de uma experiência histórica, como metáfora (a de More representa a metáfora da Inglaterra concreta), enquanto o segundo seria a partir de uma ideia de construção abstrata que desceria do Céu para a Terra (sendo a *Civitas Solis*³, o melhor exemplo). Sendo assim, para o autor, a distopia, em hipótese, seria oriunda primordialmente deste segundo princípio, e a série distópica derivaria das utopias desligadas do mundo empiricamente concreto.

O pensamento utópico é necessariamente otimista e explora modelos de sociedade que são considerados como a melhor forma de vivência entre os indivíduos que a ela pertencem. Desse modo, a literatura utópica enfatiza a idealização da sociedade, ou seja, uma sociedade perfeita na qual não há problemas de vida coletiva e individual, assim como, não existe a divergência de pensamento entre indivíduos de uma mesma sociedade.

Para Berriel (2005), há características que diferenciam de forma evidente os conceitos de utopia e distopia, pois ele reafirma a questão do ponto de vista de cada indivíduo sobre um cenário específico como o que forma a distopia e utopia, e ainda alerta sobre a existência de uma possível relatividade de seus conceitos:

É bem sabido que a distopia nasceu da utopia, e que ambas expressões são estreitamente ligadas. Há em toda utopia um elemento distópico, expresso ou tácito, e vice-versa. A utopia pode ser distópica se não forem compartilhados os pressupostos essenciais, ou utópica a distopia, se a deformação caricatural da realidade não for aceita. A distopia, que revela o medo da opressão totalizante, pode ser vista como o oposto especular da própria utopia. É preciso considerar a relatividade daquilo a que se referia Margareth Mead, quando avisava ser o sonho de um o pesadelo do outro. Afinal, o sonho de um pode ser perfeitamente inócuo para o outro. Trata-se principalmente da constatação de que o “sonho” perfeito de um, quando é oriundo de um constructo abstrato (que é efêmero, mas se quer eterno, que é singular, mas se imagina universal, que aspira a decretar o fim da História por se crer o ponto de chegada da vida humana), este sonho é o que gera o pesadelo da distopia. (BERRIEL, 2005, p. 4).

Por meio da utopia podemos perceber que o mundo das ideias trazido por Platão não é um ideal inatingível, mas um mundo a ser buscado e considerado como um direcionamento ao caminho para a transformação de cada indivíduo, pois este processo não é dado no sentido

³ *Civitas Solis* ou A Cidade do Sol é uma utopia escrita por Tommaso Campanella, publicada em 1602.

coletivo e, sim, no individual. Ainda sobre Platão, podemos considerar que uma das ideias de transformação, nas quais ele acreditava, seria na formação do homem. Logo, a possibilidade de transformar uma utopia em realidade surge quando a sociedade consegue absorver ideias que promovam mudanças por meio de suas práticas. Portanto, Platão acreditava que educar uma pessoa significava moldá-la para que ela pudesse demonstrar o que tem de melhor, ou seja, o que pode concretizar a utopia é a educação.

As ideias políticas e sociais de Platão e More descrevem lugares ideais para viver, mas ambas enfatizam o coletivo, e é a total falta de liberdade individual que aproxima as utopias das distopias. As utopias propõem um aperfeiçoamento do presente, enquanto as distopias amplificam os efeitos negativos do presente e os projetam para o futuro em que prevalecem. Há diferenças na narrativa entre utopia e distopia, assim como há uma aproximação da expressão. Sendo assim, além do sentido etimológico, não podem ser consideradas opostas. Dessa forma, a literatura de distopia é principalmente idealizada como uma utopia pelas pessoas que possuem poder, e não necessariamente planejada como uma sociedade de pesadelo como é notório nos romances distópicos. Partindo dos conceitos de distopia e utopia, Carlos Berriel os define como:

São muito diferentes as perspectivas pelas quais os autores de utopias e distopias edificam as suas construções; ambas, entretanto, são regidas pelas mesmas leis, como a tragédia e a comédia também o são, segundo o juízo clássico, aristotélico. Podemos considerar que: a) a utopia clássica se desenvolve construindo um hiato (insanável) entre a História real e o espaço reservado para as projeções utópicas; a descoberta de um país distante, até então ignorado (como no enredo de Morus, Campanella e outros) se tornou símbolo de uma fratura não apenas geográfica, mas, sobretudo histórica; b) a distopia busca colocar-se em continuidade com o processo histórico, ampliando e formalizando as tendências negativas operantes no presente que, se não forem obstruídas, podem conduzir, quase fatalmente, às sociedades perversas (a própria distopia). (BERRIEL, 2005, p. 5).

Com base na análise das utopias de Platão e More, pode-se concluir que utopia e distopia não são completamente opostas e que distopias na literatura podem ser consideradas respostas diretas às utopias. Ao se considerar a distopia, etimologicamente, ou seja, pela origem do seu termo, existem dois morfemas: o primeiro é o prefixo *dis*, que vem do grego *dýs*, que significa difícil e ruim. Em segundo lugar, por *topos*, também proveniente do grego, que significa lugar. A razão pela qual a utopia e a distopia são consideradas semelhantes, em parte, é porque elas possuem a mesma estrutura de poder controlada pelo Estado.

A respeito deste fator, Huxley (1946) relata sua visão a respeito da dissonância entre utopias e distopias no prefácio de sua obra:

“E o ditador (a não ser que precise de carne para canhão e de famílias para colonizar territórios despovoados ou conquistados) agirá prudentemente estimulando essa liberdade. Em conjunção com a liberdade de sonhar sob a influência das drogas, do cinema e do rádio, ela ajudará a reconciliar os súditos com a servidão que é o seu destino. Tudo considerado, a Utopia parece estar muito mais perto de nós do que qualquer pessoa, apenas quinze anos atrás, poderia imaginar. Nessa época, eu a projetei para daqui a seiscentos anos. Hoje parece perfeitamente possível que o horror esteja entre nós dentro de um único século. Isto é, se nos abstermos de nos fazer saltar pelos ares em pedaços antes disso. Na verdade, a menos que preferamos a descentralização e o emprego da ciência aplicada, não como o fim a que os seres humanos deverão servir de meios, mas como o meio de produzir uma raça de indivíduos livres, teremos apenas duas alternativas: ou diversos totalitarismos nacionais militarizados, tendo como raiz o terror da bomba atômica e como conseqüência a destruição da civilização (ou, no caso de guerras limitadas, a perpetuação do militarismo); ou então um totalitarismo supranacional suscitado pelo caos social resultante do progresso tecnológico, e em particular da energia atômica, totalitarismo esse que se transformará, ante a necessidade de eficiência e estabilidade, na tirania assistencial da Utopia. É escolher. 1946.” (HUXLEY, 1946, p. 9)

Segundo Berriel (2005), as distopias surgiram involuntariamente a partir de dois momentos históricos marcados pela intolerância. Ainda que os possamos considerar como contrários, essas duas conjunções sociais promoveram elementos fundantes do que conhecemos como literatura distópica: a Igreja Católica Tridentina e o Estado Soviético. O autor acredita que essas instituições, em seu processo de afirmação, criaram a ilusão de serem perfeitas, pois não podiam suportar dissensões, o que poderia, conseqüentemente, destruí-las. Assim, a ilusão de serem formas perfeitas, consideradas utopias já realizadas, gerou, de forma involuntária, o material que se formaliza na distopia.

Desse modo, podemos considerar que as distopias surgiram como gênero oriundo das utopias e que suas semelhanças e divergências se complementam quando tentamos definir os gêneros literários. More quando escreveu *A República* idealizou a ideia de uma sociedade perfeita, e embora não tenha se posicionado diretamente contra o regime absolutista de Henrique VIII acaba sofrendo a pena de morte por questões político-religiosas. O autor tinha um posicionamento libertário e seguia muitas das ideias Aristotélicas em suas obras, como é possível notar na ideia de família construída por ele, pela qual as famílias eram compostas entre 10 a 16 membros. No entanto, em sua obra, os direitos das mulheres não eram discutidos, e sim, medidos. As mulheres da sociedade de “Utopia” precisariam obedecer ao pai, ao marido ou a um homem mais velho.

A vida em comum é outra meta constante dos programas utópicos, e ela é estimulada na ilha de More, onde grupos de 30 famílias se reúnem para tomar as refeições. E essa vida é, ali, bastante regrada. Não há bares em Utopia, nem bordéis. Tampouco há oportunidades para "praticar-se a sedução" porque não há lugares para "encontros

secretos"; aqui aparece outra idiossincrasia de More, em cujo elenco de preocupações o sexo não aparecia nos primeiros lugares. Além do mais, "todos ficam de olho em você, de modo que se é obrigado a trabalhar e fazer um uso conveniente do tempo livre". Este olho debruçado sobre todos antecipa o Grande Irmão de 1984, que a todos vigia através da TV. Assim, os prazeres em Utopia são muito mais os do espírito e os provocados pela ausência de doença. A eliminação da doença é outro objetivo dos projetos utópicos; de Utopia ela não estava eliminada, mas, quando ocorria e era fatal, admitia-se e estimulava-se a eutanásia, a boa morte. (COELHO, 1985, p.32)

No final do século XIX, na história do Brasil, tivemos um exemplo de uma sociedade que estava próxima da idealização de uma sociedade utópica, a utopia de Canudos⁴ ou o que podemos considerar como “Utopia Evangélica”, durante o início do Brasil República, quando o povo brasileiro estava dividido diante do Brasil das elites e o Brasil desamparado pelo Estado. Antônio Conselheiro, líder religioso, em desacordo com a nova forma de poder, a República, e o fim da monarquia, o que resultou na separação da igreja e o Estado, formou a construção de uma sociedade que não acreditava nos valores da república, o que ocasionou em uma população composta, em suma, por sertanejos, indígenas e recém-escravos. Em Canudos, os campos eram coletivos e a sociedade autossustentável, não havia cobrança de impostos, presença do governo e a cidade era independente. Desse modo, é possível notarmos diversas características com a utopia da sociedade idealizada por More.

O movimento de uma sociedade que vivia de forma autossustentável não agradou a república e, com isso, o governo passou a disseminar a ideia de que Antônio Conselheiro era líder de um movimento revolucionário, contra o governo republicano e que queria reinstalar a monarquia. Canudos nasceu como uma necessidade do povo nordestino de se posicionar de forma ativa na sociedade onde existia apenas a desigualdade, promovida pela separação entre a classe dominante e a classe subjugada. Sendo assim, a única alternativa do governo para o enfrentamento da sociedade criada por Conselheiro seria considerar que ele ameaçava a forma de poder vigente.

Em 1896, após o pedido de madeira para a cidade vizinha e o não cumprimento do acordo com o vendedor, os moradores de Canudos foram questionar o motivo por não receberem a madeira paga, a qual seria utilizada para a construção de uma igreja. O governo considerou uma afronta da cidade de Canudos e iniciou um primeiro confronto com seus moradores. Após diversos enfrentamentos entre a população da região e o governo, a única

⁴Canudos –A cidade era um vilarejo na Bahia, liderado por Antônio Conselheiro, um líder religioso, e ali moravam seus seguidores. A Guerra de Canudos foi um confronto entre os moradores da cidade de Canudos e o Exército Brasileiro, no qual mais de 25 mil pessoas foram mortas. Saiba mais em: POLITIZE. Guerra de Canudos: o que foi?. Disponível em: <https://www.politize.com.br/guerra-de-canudos/> Acesso em: 5 de jul. de 2021

alternativa existente entre os moradores foi a autodefesa até a morte. Com isso, podemos considerar que a Guerra de Canudos foi uma possível idealização de uma utopia, onde Antônio Conselheiro acreditava que o Estado Republicano era pecador e, através da literatura, temos a documentação de Euclides da Cunha na obra “Os sertões” sobre o massacre entre a elite brasileira e as classes abandonadas pelo Estado.

Diante das semelhanças entre a realidade e as obras utópicas, podemos considerar que a utopia não se concretiza quanto forma de vivência em uma sociedade por motivos diversos, dentre eles, o desinteresse do Estado sobre novas formas de conduzir um povo. Sendo assim, podemos entender que o Estado, em suma, preza pela autoridade, e sendo ele o agente responsável pela ordem social, o descumprimento de suas medidas impostas ocasionam em punições para os indivíduos da sociedade subjugada, à exemplo da utopia de More que desagradou o regime absolutista de Henrique VIII, bem como, a formação da sociedade utópica de Canudos liderada por Antônio Conselheiro no período do Brasil República.

3 ROMANCES DISTÓPICOS EM CONTRASTE: O DIREITO À LIBERDADE E A AMEAÇA DO TOTALITARISMO ESTATAL

A obra *Admirável Mundo Novo*, de Aldous Huxley é uma distopia que promove uma reflexão sobre a nossa liberdade enquanto indivíduos e apresenta a ciência e tecnologia em sua forma extrema. A sociedade distópica criada por Huxley nos apresenta a ideia de que a única preocupação do governo é a garantia da felicidade de todos. Sendo assim, a felicidade não é uma escolha e, sim, um dever a ser seguido por todos os seus habitantes. *Admirável Mundo Novo* se destaca como uma das primeiras distopias modernas, e assim como outras distopias, o governo autoritário restringe as liberdades individuais em troca de um bem maior. Essa forma de governo é encontrada como fato histórico posteriormente, com a ascensão da Alemanha nazista de Hitler, onde a perseguição aos judeus se sobressai sob o pretexto de que seria uma justificativa para o crescimento econômico do país e para a crise em que o país se encontrava.

A única preocupação desse governo é garantir que todas as pessoas estejam felizes o tempo todo. No entanto, a felicidade não é uma escolha, os sujeitos não têm o direito de ficarem tristes, a felicidade é algo obrigatório. Um sistema político autoritário restringe as liberdades individuais em troca de um bem maior, como por exemplo a paz social. O Estado possui controle sobre a vida das pessoas desde antes delas nascerem, pois reprodução sexual natural é proibida e as pessoas são criadas através de usinas de inseminação artificial, procedimento este que apenas esteve disponível no mundo real em 1970, 39 anos após a publicação do livro.

O governo se encarrega de condicionar os bebês a se comportarem e pensarem da maneira mais conveniente à sociedade. As pessoas são divididas nas seguintes variedades: alfa, beta, gama, delta e ípsilon. Alfa é o mais alto e ípsilon é o mais baixo. O processo de produção desses indivíduos é semelhante ao processo de uma linha de produção, permitindo que as castas inferiores realizem tarefas secundárias e fornecendo menos oxigênio aos embriões, tornando-os incapazes de desenvolver boas habilidades cognitivas.

Os experimentos usados no *Admirável Mundo Novo* de Huxley possuem referências diretas aos experimentos conduzidos pelo cientista Watson, no século XIX. Ele conduziu experimentos com um bebê, conhecido como "pequeno Albert". Desse modo, é possível notar semelhanças entre o behaviorismo e as ideias relacionadas ao condicionamento humano à trechos do livro, pois enquanto o pequeno Albert desenvolveu o medo do rato e coisas que se assemelhassem a ele, no livro é possível notar que as castas mais baixas eram condicionadas a

sentirem um ódio instintivo aos livros. A obra apresenta a ideia que o ser humano é produto do meio ambiente, sendo assim, por meio do controle científico, a individualidade nas relações sociais é manipulada pelo Estado desde os primeiros anos de vida.

Os livros e o barulho intenso, as flores e os choques elétricos - já na mente infantil essas parelhas estavam ligadas de forma comprometedora; e, ao cabo de duzentas repetições da mesma lição, ou de outra parecida, estariam casadas indissolúvelmente. O que o homem uniu, a natureza é incapaz de separar. - Elas crescerão com o que os psicólogos chamavam um ódio "instintivo" aos livros e às flores. Reflexos inalteravelmente condicionados. Ficarão protegidas contra os livros e a botânica por toda a vida. - O Diretor voltou-se para as enfermeiras. - Podem levá-las. (HUXLEY, 2009, p. 54)

A obra de Huxley reforça alguns dos valores que são aprendidos em sociedades com regimes ditatoriais, como por exemplo a coletividade, repúdio aos vínculos amorosos e à amizade. O consumismo e o sexo são incentivados de forma ampla pelo governo fazendo com que exista a busca permanente pelo bem-estar. Assim surge o questionamento, e se não tivéssemos a permissão de ficarmos tristes? A tristeza precisa ser vista como um direito ou o governo precisa intervir nas emoções individuais de sua população? Na distopia de *Admirável Mundo Novo*, o Estado é responsável pela distribuição do “soma”, de forma gratuita, uma droga sintética que tem a capacidade de proporcionar a felicidade, ou seja, a população independentemente dos moldes em que esteja inserida, continuará em estado de constante felicidade. Sendo assim, o governo facilmente não será questionado, pois seu povo é direcionado a pensar e a sentir que não há problemas existentes em sua forma de viver.

Na distopia de Huxley, *Admirável Mundo Novo*, as relações interpessoais descritas pelo autor são vistas por esta sociedade como uma evolução tecnológica e racional. À medida que o passado dessa sociedade é apresentado à nova geração, provenientes de inseminação, os humanos do passado são descritos como vivíparos, ou seja, seus embriões são formados dentro do corpo humano. Tal comparação tende a levar aos jovens a crença de que os vínculos construídos anteriormente eram desnecessários, e por vezes, ridículos. As relações de afeto que existiam eram como a de animais irracionais, movidos apenas pelo instinto. Outrossim, o autor deixa claro características passadas como conservadoras e retrógradas, como a abstenção sexual, pois no Mundo Novo as crianças, desde a infância, são ensinadas sobre a reprodução sexual como atividade recreativa.

Considerar fatores históricos como base e o diálogo entre as obras torna-se essencial para o desenvolvimento da pesquisa. O livro *1984* se destaca por ser uma obra ficcional que transmite uma reflexão sobre o poder nefasto que os regimes totalitários podem causar em

uma sociedade. A obra foi publicada em 1949, ano recente ao fim da Segunda Guerra Mundial, 1945. Essa constatação nos encaminha a ideia de que a situação das pessoas que estavam inseridas nesse período e que sofreram com a guerra e, conseqüentemente, com os crimes contra a humanidade, condição que se torna real para cidadãos comuns devido a interesses do Estado, poderia ser evitada caso regimes totalitários não existissem. Na distopia *1984* (1949), embora Orwell apresente duras críticas ao Socialismo Soviético, ele não se apresentava como um defensor do capitalismo como foi visto durante a época da Guerra Fria. O tema central abordado é a liberdade, e assim como em sua obra *A Revolução Dos Bichos* (1945), discute sobre a tirania imposta aos indivíduos quando a vontade daqueles que detém o poder não é seguida.

George Orwell em sua obra *1984*, nos apresenta a história de Winston, o qual trabalha para um governo tirânico, conhecido como o Grande Irmão. Nessa sociedade distópica tudo é controlado e alterado pelo Estado, como por exemplo a língua e o passado. Winston trabalha para o Ministério da Verdade, e neste, a única verdade existente é a imposta pelo governo, para que a narrativa Estatal seja validada a alteração dos fatos é permitida e conveniente. Vale ressaltar que a sátira às aspirações do Totalitarismo na obra, é escrita no Pós-Guerra, e as experiências vividas pelas Guerras Mundiais tornaram-se primordiais para que Orwell pudesse escrever sobre uma sociedade distópica não tão distante, pois o ano em que se passa a história é 1984, apenas 35 anos após sua publicação.

Em *1984*, a perspectiva de Winston Smith nos apresenta suas responsabilidades como funcionário do governo. Winston é responsável por reescrever a história, tornando a história contada à população como a mais conveniente pelo governo da Oceania. A obra de Orwell apresenta um mundo dividido em 3 países: a Oceania, a Lestásia e a Eurásia. Segundo o governo, representado pela figura do Grande Irmão, a Oceania, país onde Winston mora, está em constante guerra com os outros dois países existentes. A privacidade é inexistente, e assim como na obra *Admirável Mundo Novo*, as relações humanas são proibidas de serem executadas de forma natural e que envolvam qualquer tipo de sentimento. Todas as atitudes em meio a sociedade necessitam de uma finalidade. Contudo, Winston, em meio a esta situação em que está inserido, sente falta da comunicação humana e, por diversas vezes, busca reescrever e descobrir o passado. Assim, Winston enfrenta alguns dos princípios da Oceania os quais frisavam a obediência ao Grande Irmão, assim como obtinha a ideia de que liberdade é escravidão e a guerra é paz.

O plano do governo da Oceania não se limita apenas ao apagamento da história, mas também do idioma falado por seus habitantes. É notória a tentativa de eliminar a identidade de

seus habitantes a partir do momento que o Estado assume o objetivo de proibir um idioma usualmente utilizado e de forçar sua população a adquirir repentinamente uma nova língua. Quando temos mais vocabulário, nossas habilidades comunicativas são mais eficientes, assim como nossa expressão de fala se torna mais precisa. Sendo assim, com a decisão do governo, tornou-se imprescindível que os habitantes desta sociedade se comunicassem apenas através da nova língua, ocasionando a limitação argumentativa e limitando a expressão de seus habitantes. Assim, podemos perceber que o fato de existir a proibição da escrita torna os habitantes da Oceania reféns das ideias que seu imaginário conseguir lembrar, assim como das ideias trazidas pelo Estado. É possível notar a relação de controle das ideias e opiniões das pessoas por meio do esquecimento do passado, histórias contadas pelo governo e a proibição de registros sobre o que está acontecendo no presente momento, ou seja, a escrita de um diário estaria diretamente relacionada a um crime contra o Estado.

“A coisa que estava prestes a fazer era começar um diário. Não que isso fosse ilegal (nada era ilegal, visto que já não existiam leis), mas se o fato fosse descoberto era praticamente certo que o punissem com a morte ou com pelo menos vinte e cinco anos de prisão em algum campo de trabalhos forçados. Winston encaixou uma pena no porta-penas e chupou-a para remover a graxa. A pena era um instrumento arcaico, pouco usado inclusive para assinaturas, e ele obtivera aquela, furtivamente e com alguma dificuldade, só por ter sentido que o belo papel creme merecia que escrevesse nele com uma pena de verdade, em vez de ser rabiscado com lápis-tinta. Na verdade, Winston não estava habituado a escrever a mão. Exceto no caso de um ou outro bilhete muito curto, o hábito era ditar tudo ao ditógrafo, o que, evidentemente, não se aplicava à circunstância presente. Mergulhou a caneta na tinta e vacilou por um segundo. Suas entranhas foram percorridas por um estremecimento. Marcar o papel era o ato decisivo.” (ORWELL, 2009, p. 17)

Na obra *1984*, todos são observados pelo “Grande Irmão”, nome dado ao representante do Estado que estaria responsável pela vigilância das pessoas. Atualmente, é possível notar a referência da obra de Orwell na criação do famoso reality show, *Big Brother*, assim como, é possível refletir sobre a exposição em que as pessoas possuem em redes sociais e refletirmos sobre até que ponto somos influenciados a pensar de determinada forma. O conceito principal do programa se baseia na famosa frase do livro “O Grande Irmão está observando você”, podemos considerar que a noção de realidade e do que está acontecendo também é alterada no momento em que podemos notar as edições do programa que são televisionadas, pois embora o programa se destaque por se tratar de um *reality show*, existe a edição do que aconteceu em momentos específicos do dia, tornando muitas das vezes um participante como vilão e outro como favorito pelo público. Dessa forma, através da escolha de informações que serão repassadas para o público, o programa consegue prender a atenção das pessoas e tornar mais

fácil a escolha de posições escolhidas pelos seus telespectadores, ou seja, o mesmo ocorre na Oceania quando o governo tenta colocar seus habitantes contra os outros dois países existentes, através de narrativas escolhidas e, por vezes, criadas.

Por trás de Winston, a voz da teletela continuava sua lenga-lenga infinita sobre o ferro-gusta e o total cumprimento – com folga – das metas do Nono Plano Trienal. A teletela recebia e transmitia simultaneamente. Todo som produzido por Winston ultrapassasse o nível de um sussurro muito discreto seria captado por ela; mais: enquanto Winston permanecesse no campo de visão enquadrado pela placa de metal, além de ouvido também poderia ser visto. Claro, não havia como saber se você estava sendo observado num momento específico. Tentar adivinhar o sistema utilizado pela Polícia das Ideias para conectar-se a cada aparelho individual ou a frequência com que o fazia não passava de especulação. Era possível inclusive que ela controlasse todo mundo o tempo todo. Fosse possível inclusive que ela controlasse todo mundo o tempo todo. Fosse como fosse, uma coisa era certa: tinha meios de conectar-se a seu aparelho sempre que quisesse. Você era obrigado a viver – e vivia, em decorrência do hábito transformado em instinto – acreditando que todo som que fizesse seria ouvido e, se a escuridão não fosse completa, todo movimento examinado meticulosamente. (ORWELL, 2009, p. 13)

Na pós-modernidade, podemos perceber a influência das condutas do cristianismo na distopia *O conto da Aia*, escrito por Margareth Atwood (1985), onde o fundamentalismo teocrático é imposto em uma sociedade e apresenta ao leitor um cenário em que os indivíduos que nela vivem não são permitidos à laicidade, ou seja, as atitudes e pensamentos promovidos pelos indivíduos são, em suma, controlados por um Estado Teocrático. Na obra *1984*, escrita por George Orwell (1949), é possível notar que o livro retrata características do Estado Soviético, onde os indivíduos de uma sociedade são influenciados pelo governo a acreditar que a sociedade à qual pertencem não possui defeitos, ou seja, são vítimas de uma perfectibilidade imaginária imposta pelo Estado.

O Conto da Aia é uma distopia que mostra uma sociedade que foi vítima de uma sucessão de acidentes nucleares, desastres naturais e epidemias que causaram a dizimação de boa parte da população. Com isso, de forma a lidar com a catástrofe causada e a crise na sociedade, surge a ideia de ascender a sociedade por meio de um Governo Totalitário Fundamentalista, ou seja, um Estado Teocrático Fundamentalista. Dessa forma, os Estados Unidos se transformam na República de Gilead, onde uma visão radical da Bíblia é adotada pelos habitantes desta sociedade.

Foi então que suspenderam a Constituição. Disseram que seria temporário. Não houve sequer nenhum tumulto nas ruas. As pessoas ficavam em casa à noite, assistindo à televisão, em busca de alguma direção. Não havia nem um inimigo que se pudesse identificar. (ATWOOD, 2006, p. 208)

Atwood inspirou sua obra em países que possuem um Estado Fundamentalista Teocrático, como alguns países do Oriente Médio, a exemplo do Irã. A sociedade baseada na lei islâmica é marcada pela repressão de mulheres. Com a Revolução Iraniana, que obtém uma ditadura de fundo religioso, a autora baseou a construção de sua distopia em uma Revolução Cristã, onde os habitantes de Gilead seguem de forma radical e literal passagens da Bíblia Sagrada.

Uma das referências em destaque para a construção da distopia de *O Conto da Aia* é a história dos puritanos, grupo religioso que colonizou os Estados Unidos no século XVII, e que são lembrados pela leitura e interpretação radical da Bíblia, assim como a intolerância com outras vertentes religiosas e que também foram responsáveis pelo evento da queima das bruxas de Salem, em 1692.

Um dos maiores exemplos de perseguição às mulheres no contexto do fanatismo religioso é o que aconteceu em Salem, que é a chamada perseguição às “Bruxas de Salem”. A maioria dos residentes de Salem eram puritanos e, por causa de suas crenças, eles acabaram causando uma das perseguições de base religiosa da história. A perseguição começou quando a filha do reverendo começou a sentir dores estranhas e intensas, e ninguém sabia o que poderia ser aquilo, logo, atribuíram os sintomas à obra do demônio e acusaram uma escrava, Tituba, como culpada. A escrava acreditava que se admitisse ter cometido feitiçaria ficaria isenta de punição, mas isso só a fez ser punida e ocasionar em mais pessoas sendo acusadas de bruxaria, causando mais caos na cidade e aparecimento de mais "bruxas" sendo punidas, em suma, através de enforcamentos.

Na história da humanidade, os direitos femininos sempre estiveram em discussão e, na atualidade, ainda é possível observar discussões sobre as limitações de direitos, a quantidade reduzida de mulheres em posições políticas e de poder, a desigualdade salarial e o direito sobre o próprio corpo quando a discussão se refere a temas como a laqueadura e o aborto.

Em entrevista à revista *Peguin*, Atwood, quando questionada sobre a inspiração para criação da obra *O conto da Aia*, revelou que os acontecimentos aterrorizantes do romance têm seus precedentes em alguns dos capítulos mais sombrios da história mundial. A autora explica sobre o que exatamente são esses eventos, que partem desde o reinado comunista brutal de Ceaușescu, ditador comunista da Romênia, até as batalhas travadas pelos direitos femininos na América durante os anos 1980:

Eles são o material de fundo do *O Conto da Aia*. Eles são bem classificados e laminados. ‘Mulheres forçadas a ter bebês.’ Este é um artigo sobre Ceaușescu e a

Romênia. Ele aprovou leis que diziam que as mulheres deveriam ter quatro bebês. Elas tiveram que fazer testes de gravidez todos os meses e se não estavam grávidas, elas tinham que explicar o porquê. 'A última decisão mais doentia foi anunciada pelo sangue-frio presidente romeno Nicolas Ceaușescu, a qual queria que as mulheres tivessem mais bebês para que o país ficasse mais rico.' Foi essa política que lotou os orfanatos romenos, que então se tornaram um escândalo em todo o mundo por suas condições desumanas ⁵ (ATWOOD, 2019)

Durante a obra *O Conto da Aia* é mostrada a perseguição àqueles que discordavam da ideologia imposta pelo Regime Teocrático, incluindo-se nessa lista os que haviam praticado atos no passado considerados crimes na República de Gilead, como os médicos que realizavam abortos em mulheres, conhecidos como “fazedores de anjos”. Outras pessoas perseguidas pelo regime estavam condenadas à pena de morte, tendo seus corpos pendurados pelo pescoço com sacos brancos em seus rostos para que todos ficassem cientes das consequências que os estariam aguardando caso fossem contra o regime.

Esses homens, disseram-nos, são como criminosos de guerra. Não é desculpa o fato de que o fizeram fosse legal na época. Cometeram atrocidades e devem ser transformados em exemplos, para os outros. Embora isso dificilmente seja necessário. Nenhuma mulher de plena posse de suas faculdades mentais, nos dias de hoje, tentaria impedir um nascimento, se tivesse a sorte imensa de conceber. (ATWOOD, 2006, p. 45)

A construção narrativa de *O Conto da Aia* (1985) é inspirada por outras distopias que marcaram a literatura clássica, como *1984* (1949) e *Admirável Mundo Novo* (1932), as quais possuem como semelhança o controle de pensamento e a separação de características dos indivíduos de acordo com suas funções sociais. Partindo dessas obras, Atwood discute o fanatismo religioso e suas consequências para uma sociedade, os direitos das mulheres entram em discussão na narrativa, assim como elementos textuais presentes nas obras que a motivaram a escrever, como por exemplo a diferenciação das cores das vestimentas usadas pelas mulheres do livro de acordo com sua função social.

As Aias, classificação da personagem principal, eram responsáveis pela procriação da sociedade, ou seja, devido a infertilidade de outras mulheres, as Aias eram responsáveis pelas relações sexuais que existiam entre um casal em que a esposa fosse infértil. Uma das

⁵ Entrevista concedida por ATWOOD, Margareth. Entrevista (2019). Entrevistador: Revista Peguin. Excerto original: They are Handmaid's Tale background material. They're nicely sorted and laminated. 'Women forced to have babies.' This is an article about Ceaușescu and Romania. He passed laws that said women had to have four babies. They had to have pregnancy tests every month and, if they weren't pregnant, they had to explain why. 'The latest sicko Red ruling was announced by cold-blooded Romanian president Nicolas [sic] Ceaușescu, who wants women to have more babies so the country will get richer.' It was this policy that filled up the Romanian orphanages, which then became a scandal around the world for their inhumane conditions.

passagens encontradas na Bíblia está expressa na relação entre Jacó e Raquel no capítulo de Gênesis⁶:

1 Vendo, pois, Raquel que não dava filhos a Jacó, Raquel “teve inveja de sua irmã, e disse a Jacó: Dá-me filhos, senão morro. **2** Então se acendeu a ira de Jacó contra Raquel, e disse: *Estou* eu no lugar de Deus, que te impediu o fruto de teu ventre? **3** E ela disse: Eis aqui minha serva Bila; acerca-te a ela, para que dê à luz sobre os meus joelhos, e eu também “seja edificada por ela. **4** Assim, lhe deu sua serva “Bila por mulher; e Jacó achegou-se a ela. **5** E concebeu Bila, e deu a Jacó um filho.

Referência bíblica presente no livro:

“Acima de mim, em direção à cabeceira da cama, Serena Joy está posicionada, estendida. Suas pernas estão abertas, deito-me entre elas, minha cabeça sobre sua barriga, seu osso púbico sob a base do meu crânio, suas coxas uma de cada lado de mim. Ela também está completamente vestida.” (ATWOOD, 2006, p. 114)

É possível considerar que o divino e o profano se contrastam quando as obras de Atwood e Huxley se encontram. Enquanto na obra *O conto da Aia* as relações sexuais eram feitas apenas sobre o viés de reprodução e com um respaldo divino, em *Admirável Mundo Novo* o sexo era visto como ápice do prazer humano, sendo incentivado desde a infância, o pecado não existia. No entanto, ambas se encontram na falta de sentimento e ligação entre as pessoas, pois o objetivo do sexo em Gilead era apenas a procriação e em *Admirável Mundo Novo* o objetivo era apenas o prazer.

Na República de Gilead as mulheres não são livres, nem mesmo as esposas que viviam com seus maridos e que possuíam mais “direitos” que as outras mulheres. Todo o sistema é pensado para que não seja possível às mulheres a formação de alianças para combater o sistema. Atwood (2019) afirma em entrevista⁷ para The View, programa da ABC⁸, que todos os fatos da República de Gilead são buscados por meio de fatos históricos de diversos países que aconteceram na história da humanidade. Com isso, o questionamento sobre os direitos das mulheres entra em pauta no livro *O conto da Aia* (1985) e nos direciona a pensar sobre um possível silenciamento dos direitos das mulheres em meio a uma imprevista crise social. Simone de Beauvoir, escritora e ativista feminista, em 1970, época próxima à publicação do livro, já discutia sobre a visão da sociedade sob a mulher:

⁶ Fonte: Gn 30:1-5 = Livro de Gênesis, capítulo 30, versículos 1 a 5

⁷ Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=jyYLVeZIrO0> Acesso em: 02 de mar. de 2021.

⁸ A American Broadcasting Company (ABC) (em português: Companhia Americana de Radiodifusão), é a estação de televisão global dos EUA.

A humanidade é masculina e o homem define a mulher não em si, mas relativamente a ele; ela não é considerada um ser autônomo. [...] Ela não é senão o que o homem decide que seja; daí dizer-se o "sexo" para dizer que ela se apresenta diante do macho como um ser sexuado: para ele, a fêmea é sexo, logo ela o é absolutamente. A mulher determina-se e diferencia-se em relação ao homem e não este em relação a ela; a fêmea é o inessencial perante o essencial. O homem é o Sujeito, o Absoluto; ela é o Outro (BEAUVOIR, 1970, p. 10).

Os direitos das mulheres eram restritos e por vezes inexistentes, a escrita e leitura eram proibidas e, assim como Winston, em *1984*, escrever poderia levar alguém à mais severa das punições pelo Estado. A narradora personagem relata o que está acontecendo com ela no tempo presente, tornando a leitura algo sufocante, pois presenciamos os fatos no momento em que eles ocorrem. Desse modo, com a ideia de que as mulheres não podem escrever, Atwood nos leva para o consciente de sua personagem, onde podemos ver pelos seus olhos o que acontece em Gilead:

Conto, em vez de escrever, porque não tenho nada com que escrever e, de todo modo, escrever é proibido. Mas se for uma história, mesmo em minha cabeça, devo estar contando-a para alguém. Você não conta uma história apenas para si mesma. Sempre existe alguma outra pessoa. Mesmo quando não há ninguém. (ATWOOD, 2006, p. 52).

As obras se relacionam e se complementam e se tornam primordiais para entendermos um pouco mais da história da humanidade e como as relações de poder entre o Estado e sociedade podem ocasionar confrontos e enfrentamentos entre a classe dominante e a classe subjugada. Concernente às relações entre Estado e sociedade podemos perceber que estão intrinsecamente relacionadas questões referentes ao direito à liberdade, bem como os vínculos existentes entre os indivíduos de um mesmo coletivo. Assim, as obras são reflexos pensados pelos escritores sobre a época em que escreveram suas obras e que hoje tornam-se cruciais para entendermos noções que se referem à atualidade.

4 O INDIVÍDUO, AS MÍDIAS E A REPRESENTAÇÃO DO ESTADO

Quando pensamos na análise do Estado e do indivíduo na pós-modernidade, precisamos considerar aspectos essenciais que nos cercam, como o advento das mídias sociais, o número alto de ansiolíticos utilizado pelas pessoas e a disseminação de informações que nos últimos anos estão sofrendo alterações e até mesmo sendo criadas, o que ocasionou a criação do termo *Fake News*. Outrossim, as obras estudadas apresentam possíveis futuros distópicos, no entanto, faz-se necessária a reflexão se já estamos inseridos em um possível cenário distópico como os ditos nas obras estudadas. Dessa forma, a análise da relação entre Estado e indivíduo, bem como de noções de coletividade e individualidade em contraste e de como as mídias podem influenciar a ligação entre esses dois conceitos faz-se crucial.

Na história da humanidade, temos o exemplo da Alemanha nazista como reflexo de uma época em que após uma sucessão de fatores que ocasionaram uma crise econômica, foram realizadas medidas extremas e anti-humanitárias. Com o fim da Primeira Guerra Mundial, a Alemanha foi acusada por ser responsável por grande parte dos desastres causados em outros países e, com o Tratado de Versalhes⁹, os custos deixaram a Alemanha em uma grande crise econômica. Inicialmente, a Alemanha tenta se recuperar através de empréstimos, contudo, com a crise de 1929, sua economia volta a declinar e há o surgimento de Hitler como possível herói nacional.

A promessa de uma recuperação econômica e melhorias para a população fazem surgir um novo herói para Alemanha e o antissemitismo, que já era presente na época, se tornou ainda maior. As pessoas não podiam se manifestar contra o governo nazista sob pena de serem presas ou irem para os campos de concentração. Então, de forma temerosa, apenas aceitavam as ordens do ditador. Em Gilead, assim como na Alemanha, a população se calava diante das injustiças que estavam acontecendo. No entanto, diferentemente da Alemanha, as perseguições e restrições de direitos não eram contra os judeus, e sim, contra as mulheres. É possível notar o silenciamento da população através do trecho do livro:

⁹ O Tratado de Versalhes foi assinado no dia 28 de junho de 1919 e ficou conhecido por ser o principal dos tratados de paz assinados após a Primeira Guerra Mundial. Esse documento foi subscrito pelas potências que formavam a Tríplice Entente e pela Alemanha. Foi considerado pelos historiadores como a “paz dos vencedores”, uma vez que as nações que venceram o conflito impuseram termos duríssimos à Alemanha. Saiba mais em: SILVA, Daniel Neves. "Tratado de Versalhes". Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/historiag/tratado-versalhes.htm>. Acesso em 05 de jul. de 2021.

Houve passeatas, é claro, muitas mulheres e alguns homens. Mas foram menores do que se teria imaginado. Creio que as pessoas estavam com medo. E quando se tornou de conhecimento público que a polícia ou o exército, ou fossem lá quem fossem, abririam fogo quase que tão logo quaisquer das passeatas começassem, as passeatas pararam. Algumas coisas foram explodidas, agências de correios, estações de metrô. Mas não se podia nem ter certeza de quem estava fazendo isso. Poderia ter sido o exército, para justificar as buscas via computador e as outras, de porta em porta. (ATWOOD, 2006, p. 215)

Na obra *Como As Democracias Morrem* (2018), Steven Levitsky e Daniel Ziblatt, professores de ciência política de Harvard, discutem como a democracia foi desfeita em alguns países dando espaço para regimes autocráticos e ditatoriais. A discussão no livro surge a partir do momento em que os professores analisam a eleição do presidente Donald Trump como uma ameaça à democracia dos Estados Unidos. Com isso, através da relação entre as distopias e a sociedade atual, podemos enfatizar com as análises feitas na obra, a partir de regimes que aconteceram em outros países, que a distopia de Orwell se aproxima da realidade de muitos países da atualidade.

O século XX é marcado por golpes de Estado, e na atualidade, a recessão democrática é uma preocupação abordada por Levitsky e Ziblatt (2018), pois os autores alertam sobre possíveis rupturas democráticas que possam acontecer de forma silenciosa e que só serão notadas quando estiverem em seu ápice e momento mais crítico de governo. Considerando suas análises sobre as características de regimes totalitários e autocráticos de outros países, os autores enumeram características que precisam ser percebidas e alertadas para que se reconheça uma possível ameaça à democracia. Sendo algumas delas: o candidato rejeitar as regras democráticas impostas pelo sistema eleitoral definido pelo país, a negação da legitimidade da oposição política, a tolerância ou o incentivo da violência e discursos que promovam as restrições das liberdades civis e até mesmo a liberdade de expressão das mídias.

Na obra *As Origens do Totalitarismo* (1951), Hannah Arendt, filósofa judia alemã conhecida por consolidar estudos filosóficos e políticos sobre o Totalitarismo, aponta que o Totalitarismo diferentemente do despotismo, da tirania e da ditadura é considerado um recente mecanismo de controle na história da humanidade. Ainda, discute sobre a ascensão do Totalitarismo e como esse surge em meio a sociedade. Uma das características apontadas por Arendt é a perda dos indivíduos sobre sua consciência política, que acredita que o Regime Totalitário se assegura por meio de uma ideologia e da ideia de causar terror em indivíduos de uma sociedade. Dessa forma, segundo Arendt, o Totalitarismo se fundamenta em leis transcendentais como crenças surgidas da natureza, a seleção de raças ou até mesmo a luta de classes no período do Stalinismo.

Durante o período da Segunda Guerra Mundial, na Alemanha de 1939, as pessoas eram movidas a pensar e a agir de acordo com as falas e ações de seu ditador, Hitler. Outrossim, as propagandas incentivadas pelo Estado promoviam a forma que o governo moldava o pensamento crítico das pessoas, pois através de panfletos, filmes e livros, eram promovidas ideias que incentivavam o antissemitismo e a crença na superioridade da “raça ariana”.

O molde de novas vivências e controle sobre uma sociedade por meio de formas de controle sobre as gerações existentes e as novas gerações está evidente nas obras *1984* (1949), de George Orwell; *Admirável Mundo Novo* (1932), de Aldous Huxley e *O Conto da Aia* (1985), de Margareth Atwood. Dessa maneira, podemos considerar que uma das principais formas de controle de massa utilizada pelo governo nazista era a propagação de propagandas que relativizavam e acobertavam o extermínio aos judeus. A escolha publicitária das fotos de Hitler como um ditador forte e os seus discursos que inflamavam a Alemanha na crença de que as atitudes escolhidas pelo ditador trariam uma melhoria para a sociedade da época, ocasionou a difusão das ideias antissemitistas e anti-humanitárias de forma contundente no psicológico das pessoas se transformando no maior exemplo de controle das massas.

Sobre o uso das propagandas, Hitler, no período em que esteve preso e escreveu seu livro, *Minha Luta* (1925), reflete sobre a influência da propaganda na guerra:

Observador cuidadoso dos acontecimentos políticos, sempre me interessou vivamente a maneira porque se fazia a propaganda da guerra. Eu via nessa propaganda um instrumento manejado, com grande habilidade, justamente pelas organizações sociais comunistas. Compreendi, desde logo, que a aplicação adequada de uma propaganda é uma verdadeira arte, quase que inteiramente desconhecida dos partidos burgueses. somente o movimento cristão social, sobretudo na época de Lueger, aplicou este instrumento com grande eficiência e a isso se devem muitos dos seus triunfos. (HITLER, 1925 p.78)

Na obra de Orwell existia a obrigatoriedade de “viver”, enquanto na era das novas tecnologias a obrigatoriedade se estende à demonstração pública de vivência e as novas formas de controle das massas passam para o mundo virtual e a ameaça à criticidade é notória, validando a pós-modernidade como fruto de uma conjectura, em que dados pessoais e informações sobre o banco de dados utilizados nas redes sociais podem ser facilmente utilizados como uma maneira de moldar e/ou modificar o que pensamos. Diante disso, surgiram os questionamentos: Até que ponto possuímos liberdade de pensamento? Estamos condicionados a pensar de alguma forma específica? Poderemos estar sujeitos a uma polícia das ideias como a dita na obra “1984”? Com isso, torna-se válida a compreensão do cenário

em que estamos inseridos e os perigos que as novas tecnologias poderão causar à liberdade de expressão e ao pensamento crítico da sociedade atual.

Acerca da exibição da vida privada, tornando-a pública, podemos destacar a necessidade constante de aceitação por parte da sociedade ou de padrões implícitos impostos por essa. Outrossim, muitas pessoas que compartilham suas vidas na era digital, tornam-se reféns de uma obrigatoriedade de postar constantemente para se reafirmar e seguir o funcionamento dos algoritmos¹⁰ das redes sociais, os quais direcionam a postagem dos usuários e promovem um maior alcance para as postagens que possuem um alto número de curtidas, comentários e salvamentos, o que forma o que conhecemos como “engajamento”.

No cenário das representações midiáticas possuímos a referência a esse fenômeno através do episódio *Nosedive*, ou em português, “queda livre” da série *Black Mirror*. A relação da obrigatoriedade de postagem e aprovação social por meio das mídias é evidenciada, pois a sociedade retratada na série de *streaming, Netflix*, é avaliada a todo momento pelos indivíduos que a ela pertencem utilizando um aplicativo em que todas as ações feitas durante o dia e todas as interações que acontecerem entre as pessoas recebem notas que serão atribuídas ao quão social ou formador de boa índole você é perante os demais. Essas atribuições são atualizadas em tempo real e as pessoas possuem benefícios por apresentarem boas notas na sociedade e têm acesso a privilégios, a exemplo de melhores taxas de financiamento imobiliário, acesso a filas preferenciais e melhores assentos na compra de passagens aéreas.

A avaliação social constante apresentada na série *Black Mirror*, apresenta um cenário em que o futuro distópico proporcionado pelas novas tecnologias podem ocasionar. Contudo, esse cenário não está distante da nossa realidade, pois podemos perceber a similaridade com alguns aplicativos utilizados em nosso dia a dia, como por exemplo o *facebook, instagram, uber, ifood, tinder*, entre outros que repetem o padrão de avaliação social. É notória que a necessidade de ser aprovado pelos padrões exigidos pela sociedade existe há algum tempo, no entanto, o surgimento das redes sociais impulsionaram o aumento da exposição das pessoas.

A respeito disso temos nas palavras de Chul Han,

¹⁰ Algoritmos são um conjunto finito de passos elementares que são aplicados sistematicamente até que a solução seja atingida. De forma simples, podemos dizer que um algoritmo define o caminho que deve ser seguido para chegar até a solução de um determinado problema. Os algoritmos das redes sociais são um conjunto de dados e regrinhas estabelecidas por cada rede social, sendo eles os responsáveis por determinar quais conteúdos e quais páginas aparecem primeiro para o público na linha do tempo de suas respectivas contas. Saiba mais em: NOLETO, Cairo. Algoritmos: o que são e exemplos de uso da programação. 08 de maio de 2020. Trybe. Disponível em: <https://blog.betrybe.com/tecnologia/algoritmo/>. Acesso em: 04. de jul. de 2021. CAVALCANTI, Naiara. O que são e como os algoritmos são usados nas redes sociais. Eixo Digital. Disponível em: <https://eixo.digital/como-funcionam-os-algoritmos-das-redes-sociais/>. Acesso em: 04 de jul. de 2021.

“Sob a ditadura da transparência, opiniões desviantes ou ideais inabituais não chegam nem mesmo a ter voz. Muito dificilmente se pondera algo. O imperativo da transparência produz uma forte pressão para o conformismo. Ele faz, como a vigilância permanente por câmeras, surgir a sensação de se estar sendo observado. Nisso consiste o seu efeito panóptico [20]. Chega-se, por fim, a uma uniformização da comunicação ou a uma repetição do mesmo: “A observação midiática constante levou a que nós [políticos] não fôssemos livres para discutir abertamente temas ou posições impopulares em um círculo confiável. É que eles precisavam sempre contar com a possibilidade de que houvesse alguém que passasse isso para a mídia.” (CHUL HAN, 2018, p. 24)

É evidente que o uso e a exposição nas redes sociais ocasionam uma dependência e frustração em que os usuários se sentem pressionados a seguir um *modus operandi*¹¹, em que as pessoas são levadas a passar boa parte do seu tempo consumindo conteúdos que elas mais interagem fornecendo uma busca constante sobre os temas mais pesquisados. Com isso, a dependência das redes sociais e a frustração causadas por esses serviços atrelados a problemas pré-existentes como ansiedade e depressão podem reverberar no agravamento desses estados de saúde e no uso indiscriminado de ansiolíticos e antidepressivos. Dessa forma, podemos considerar que as redes sociais e o uso de remédios para promover um bem-estar podem ser considerados formas de êxtase existencial em que podemos relacionar com o “soma” retratado por Huxley, em 1932, na obra *Admirável mundo novo*, fazendo com possamos considerar que distopias e utopias não estão distantes da nossa realidade.

A ideia de distrair a população do Mundo Novo pode facilmente obter relação com a política de pão e circo. A ideia de perfeição em todos os âmbitos da vida dos habitantes dessa sociedade é proporcionada pelo Estado e faz com que estes não reflitam sobre os problemas que os cercam. A política do Pão e circo (*panem et circenses*), surgiu em Roma e ficou conhecida por retratar como o governo enfrentava os problemas em relação a sociedade. A falta de conhecimento e interesse sobre política e história proporcionava a falta de criticidade do povo romano e com a falta de interesse sobre as necessidades sociais. Com isso, o governo passava a ideia de que seu povo não precisaria de mais nada para viver em sociedade além de alimento e diversão. Desse modo, em tempos de crise, o Império Romano mantinha a população inerte aos problemas por meio da realização de espetáculos e construções de arenas, comprando uma aceitação do povo e evitando possíveis revoltas.

Com efeito, os césores encarregavam-se ao mesmo tempo de alimentá-lo e distraí-lo. Com as distribuições mensais do Pórtico de Minúcio, asseguravam-lhe o pão de

¹¹ Maneira através da qual uma pessoa ou uma associação, empresa, organização ou sociedade, trabalha ou realiza suas ações. Para saber mais, acesse: <https://www.dicio.com.br/modus-operandi/>

cada dia. Com as representações que ofereciam em seus diversos recintos religiosos ou laicos – no foro, nos teatros, no estádio, no anfiteatro, nas naumaquias –, proporcionavam e disciplinavam seu lazer, mantinham-no em constante expectativa por meio de divertimentos sempre renovados, e até nos anos magros, em que problemas no Tesouro os obrigavam a racionar as prodigalidades, esforçavam-se por proporcionar-lhe ainda mais festas que nenhuma plebe, em nenhuma época, em nenhum país, havia presenciado. (CARCOPINO, 1990, p. 242).

Na atualidade, com o advento das redes sociais, é possível notar a disseminação de ideias de forma mais ampla e rápida. É possível notar que, atualmente, as pessoas, sobretudo os jovens, mantêm uma rotina nas redes sociais que acabam por mantê-los apaziguados das problemáticas em que estão inseridos, tal qual o povo de Roma citado anteriormente. Outrossim, os algoritmos promovem a criação de bolhas sociais, as quais acabam direcionando os usuários apenas para notícias e informações que a eles sejam favoráveis. Dessa forma, a discussão de ideias se torna quase nula e a noção de que existem várias pessoas com a mesma opinião se torna mais evidente. O documentário “O dilema das redes sociais”, da rede de *streaming Netflix*, nos apresenta o quanto as redes sociais podem ser danosas para os usuários e até mesmo para discussões acerca de ideias que possam influenciar na democracia. Um dos exemplos dados no documentário é a polarização política, pois nessa é possível perceber a manifestação de pessoas em favor de suas ideias.

Sobre o uso das redes sociais Chul Han afirma:

“Hoje não somos mais destinatários e consumidores passivos de informação, mas sim remetentes e produtores ativos. Não nos contentamos mais em consumir informações passivamente, mas sim queremos produzi-las e comunicá-las ativamente nós mesmos. Somos simultaneamente consumidores e produtores. Esse duplo papel aumenta enormemente a quantidade de informação. A mídia digital não oferece apenas uma janela para o assistir passivo, mas sim também portas através das quais passamos informações produzidas por nós mesmos. Windows[18] são janelas comportas, que se comunicam com outras Windows sem espaços ou instâncias intermediárias. Por meio de Windows não lançamos o olhar apenas a um espaço público, mas sim a outras Windows. Nisso as mídias digitais se distinguem das mídias de massa como o rádio ou a televisão. Mídias como blogs, Twitter ou Facebook desmediatizam [entmediatisieren] a comunicação. A sociedade de opinião e de informação de hoje se apoia nessa comunicação desmediatizada. Todos produzem e enviam informação. A desmediatização da comunicação faz com que jornalistas, esses antigos representantes elitistas, esses “fazedores de opinião” e mesmo sacerdotes da opinião, pareçam completamente superficiais e anacrônicos. A mídia digital dissolve toda classe sacerdotal. A desmediatização generalizada encerra a época da representação. Hoje, todos querem estar eles mesmos diretamente presentes e apresentar a sua opinião sem intermediários. A representação recua frente à presença ou à copresença [Kopräsentation].” (CHUL HAN, 2018, p. 23)

Na atualidade, o obscurantismo e negacionismo se expandem através das mídias sociais de forma cada vez mais frequente, assim como a disseminação de notícias falsas ou

constatações científicas sem fonte, fenômeno nomeado como *Fake News*. Atwood, em sua obra, nos mostra um cenário em que a crença religiosa estaria acima de considerações científicas apontando um dos perigos de um Regime Teocrático. Com isso, podemos estabelecer tal problemática com a atualidade em muitos países. Em 2021, embora esteja confirmada a contaminação e o risco que o COVID-19 causa, muitas pessoas o associam à uma punição divina, assim como muitos desacreditam a sua real contaminação.

A disseminação de notícias falsas e a crença nessas, estão diretamente ligadas, em suma, à ignorância de parte da população sobre assuntos relacionados à saúde, educação e ciência. Da mesma forma, a problemática da falta de informação nos remete ao mito da caverna de Platão, onde prisioneiros de uma caverna não obtinham consciência sobre o mundo real, e sim, apenas sobre o mundo projetado. Sendo assim, podemos fazer uma alusão ao conhecimento como a libertação da caverna e a permanência dentro seria uma possível falta de fornecimento de informação pelo Estado ou a falta de conhecimento adquirida anteriormente.

A libertação da caverna ocorre, em um primeiro momento, apenas por um dos prisioneiros e esse, quando retorna para seu local de origem, a caverna, se vê desacreditado pelos demais e sofre ameaças por estar apresentando um mundo inexistente na realidade daqueles que apenas possuem como referência o mundo projetado. Desse modo, podemos considerar que a saída do mundo sensível para o mundo inteligível torna evidente considerações políticas e noções de justiça em que Platão acreditava quando escreveu sua obra *A República*.

A saída da ignorância pode ser escolhida pelo indivíduo ou muitas vezes ignorada por esse, pois podemos considerar a libertação das ideias anteriormente impostas como um aprisionamento em uma caverna, como o mito de Platão nos apresenta. Sendo assim, podemos considerar que a luz seria a saída da caverna e a aquisição de conhecimento da realidade, na qual a luz pode causar sofrimento em primeiro momento. Contudo, tal sofrimento torna-se necessário para a liberdade e para a ascensão em sociedade.

O filme lançado em 1998, *O show de Truman*, do gênero drama/comédia, retrata a história de um homem que não sabia que estava inserido em um mundo fictício desde a infância e que todos ao seu redor estariam encenando a maneira como o tratavam e se portavam diante das câmeras, o que tornava a vida de Truman a única coisa real, pois o mesmo não sabia sobre o contexto em que estava inserido. Sendo assim, Truman possuía fama diante de todo o mundo, porém desconhecia sua notoriedade em meio a sociedade. Somente após uma das atrizes que contracenava como namorada de Truman se sentir culpada

sobre a forma como a vida dele estava sendo moldada e decidir lhe contar sobre o que acontece, Truman fica mais atento aos sinais de que algo não estaria correto.

O condicionamento a que Truman é levado pode ser relacionado à Admirável Mundo Novo, pois Truman era influenciado e coagido a agir da forma mais conveniente à emissora, até mesmo no uso de simples objetos para a casa, pois ele precisaria utilizá-los de uma maneira que estivesse nos moldes publicitários, considerando que tudo a sua volta pertencia a marcas que o patrocinavam, ao programa em que ele estava inserido, onde a trama se voltava apenas para a sua vida, ações e escolhas.

A vida de Truman pode ser relacionada ao *reality Big Brother*, ou até mesmo ao Grande Irmão, do livro *1984*, no entanto, o que o difere desses é a noção de pertencimento a qual ele não possui, pois, fora entregue pela sua mãe a uma emissora de TV ainda quando era um recém-nascido. Após a interferência de uma das atrizes sobre o mundo em que Truman estava vivendo, ele passa a reparar em atitudes estranhas de sua cidade, amigos e até sua esposa. Desse modo, após perceber a realidade paralela que estava, o personagem descobre que toda sua vida havia sido monitorada por câmeras e televisionada. Por fim, no final do filme o descobrimento de Truman sobre os moldes em que vivia retrata a saída do personagem da caverna, que seria o desconhecimento e a ignorância, para a luz que seria a liberdade e conhecimento sobre seu posicionamento quanto indivíduo na sociedade.

A fim de apresentar um contraponto sobre O show de Truman e o controle de suas escolhas à exemplo da exposição de marcas e também ao consumismo exacerbado retratado em *Admirável Mundo Novo*, podemos pensar no minimalismo, que se apresenta como uma vertente contrária aos atuais moldes da sociedade moderna, pois enquanto o consumismo é incentivado em todas as suas áreas, o minimalismo se volta para a conscientização do uso de materiais, assim como a quantidade e a necessidade. Assim como, a escolha de alguns indivíduos na sociedade moderna em se abster do uso das redes sociais a fim de não participar de uma alienação pelas informações fornecidas pelo mundo virtual, onde muitas vezes sua veracidade não é constatada, o que poderíamos considerar uma forma de não serem influenciados por uma forma de controle das massas como na obra *1984* e o *O conto da Aia*.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao iniciar os conceitos e a comparação entre utopia e distopia são apontadas noções políticas e históricas da humanidade. Com isso, é possível notar o quanto as obras aqui apresentadas *1984* (1949), de George Orwell; *Admirável Mundo Novo* (1932), de Aldous Huxley e *O Conto da Aia* (1985), de Margareth Atwood, contribuem para um entendimento de fatos históricos e dos contextos em que os autores viviam, podendo considerá-las como denúncias sociais feitas pelos autores sobre as problemáticas em que estavam inseridos. Outrossim, podemos considerar as obras como relatos filosóficos e indagações sobre a possibilidade de estarmos nessa realidade.

A relação entre Estado e indivíduo é discutida de forma ampla nas utopias e distopias, estas que não se encontram distantes do mundo real. Sendo assim, o desenvolvimento desse trabalho possibilitou profícuas discussões acerca da literatura e do seu caráter crítico e transformador. As análises sobre regimes totalitários como o da Alemanha nazista retratam um cenário no mundo real em que uma distopia existiu, enquanto que a Guerra de Canudos pôde ser considerada parte de uma utopia idealizada que por conflito de interesses entre o Estado e os moradores de Canudos, não pode perdurar por muito tempo.

Dessa forma, podemos considerar que as utopias se constituem em um cenário idealizado marcado por anseios de uma população, enquanto as distopias seriam a idealização daqueles que possuem poder, tendo em vista que a distopia do oprimido pode ser considerada a utopia do opressor. Assim, os conceitos e definições atribuídos às utopias e distopias são de suma importância para o entendimento da nossa posição em meio a sociedade, assim como o entendimento de conceitos como pão e circo e o mito da caverna de Platão se tornam essenciais para compreendermos a necessidade da consciência política de um povo, pois sem a educação, esse torna-se refém de políticas que possam domesticar os indivíduos.

Ao relacionar as obras à sociedade não tratamos de uma questão anacrônica, uma vez que o caráter atemporal denota fatores que podem aparecer na sociedade de forma amplificada, no entanto, com roupagens diferentes. Dessa forma, podemos considerar que as novas tecnologias promovem benefícios referentes a aproximação entre as pessoas, contudo, podem ser danosas às relações sociais quando consideramos o contexto no qual as relações não possuem laços de afeto e conexão tão presente como antes, bem como o consumismo e o mundo em que as pessoas preferem viver no negacionismo promovem a

ascensão de regimes totalitários ou até mesmo teocráticos, a exemplo dos apresentados nas obras.

Diante desses pressupostos, fica evidente a necessidade de compreendermos como podemos nos tornar reféns da era tecnológica e dos novos mecanismos de controle de massa em que os algoritmos se tornaram a nova forma de propagar ideias. Desse modo, faz-se necessária a atenção sobre a propagação de informações e o consumo dessas, pois o compartilhamento de notícias falsas, *Fake News*, pode apresentar um caráter danoso àqueles que não possuem conhecimentos referentes à política, história e ciência, ocasionando escolhas que podem causar males até mesmo para saúde, a exemplo da descrença em vacinas. Ademais, é necessária atenção sobre a funcionalidade dos algoritmos, pois muitas pessoas acreditam que estão realizando escolhas genuínas, sendo que se tratam apenas de um mecanismo pensado para cada indivíduo atuar na rede social, e muitas vezes, influenciar a forma como o usuário atua nas redes sociais.

REFERÊNCIAS

- ATWOOD, Margareth. **O Conto da Aia**. Trad. de Ana Deiró. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.
- ARENDRT, Hannah. **Origens do Totalitarismo**: tradução Roberto Raposo. — São Paulo: Companhia das letras, 2012.
- BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo: Experiência Vivida**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.
- BERRIEL, Carlos Eduardo. **Cidades Utópicas do Renascimento**, Cienc. Cult. vol.56 no.2 São Paulo Apr./June 2004 Disponível em: http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252004000200021 Acesso em: 03 de abr. de 2021.
- BERRIEL, Carlos Eduardo., Editorial da Morus. Revista Morus – **Utopia e Renascimento - Utopia e Renascimento 2**, p. 4-10, 2005 Disponível em: <https://docero.com.br/doc/x01s1sv> Acesso em 7 de abr. de 2021.
- CARCOPINO, Jérôme. **A Vida Cotidiana: Roma no apogeu do Império**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CAVALCANTI, Naiara. **O que são e como os algoritmos são usados nas redes sociais**. Eixo Digital. Disponível em: <https://eixo.digital/como-funcionam-os-algoritmos-das-redes-sociais/>. Acesso em: 04 de jul. de 2021
- COELHO, Teixeira. **O que é utopia**. 2ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1985
- DIAS, Anderson. **Política do Pão e Circo**. Disponível em <http://www.parafrasear.net/2007/11/politica-do-po-e-circo.html>. Acesso em: 24 de jun. de 2021.
- FERNANDES, Bianca Berbel. MEDEIROS, Dandara Corrêa Freitas. Black Mirror: "Nosedive" (S03 E01), mídias sociais, reputação e acesso. 28 de nov. de 2017.
- INTERNETLAB pesquisa em direito e tecnologia**. Disponível em: <https://www.internetlab.org.br/pt/opiniao/black-mirror-nosedive-s03-e01-midias-sociais-reputacao-e-acesso/>. Acesso em: 04 de jul. de 2021.
- HAN, Byung-chul. **No Enxame: perspectivas do digital**. Trad. Lucas Machado. Petrópolis: Vozes, 2018.

HITLER, Adolf. **Minha Luta (Mein Kampf)**. 1925. Disponível em: <https://www.passeidireto.com/arquivo/77142772/adolf-hitler-minha-luta-mein-kampf>. 291 p. Acesso em: 05 de jul. de 2021.

HOBBSAWN, Eric. **A Era dos Extremos: O Breve Século XX. 1941-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HUXLEY, Aldous. **Admirável Mundo Novo**. Tradução Lino Vallandro e Vidal Serrano. São Paulo: Globo, 2009.

LEVITSKY, Steven; ZIBLATT, Daniel. **Como as Democracias Morrem**. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

MORE, Thomas. **A Utopia**. Porto Alegre: L&PM, 2012.

NOLETO, Cairo. **Algoritmos: o que são e exemplos de uso da programação**. Trybe. Disponível em: <https://blog.betrybe.com/tecnologia/algoritmo/>. Acesso em: 04. De jul. de 2021.

ORWELL, George. **1984** Tradução Alexandre Hubner, Heloisa jahn; posfácio Erich Fromm, Ben Pimlott, Thomas Pynchon. – São Paulo: Companhia das Letras, 2009

PLATÃO, **A República**. Tradução Maria Helena da Rocha Pereira. 9. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbbenkian, 2001.

PEGUIN, 2019. Entrevista concedida a revista. Disponível em: <https://www.penguin.co.uk/articles/2019/sep/margaret-atwood-handmaids-tale-testaments-real-life-inspiration.html> Acesso em: 04 de abr. de 2021.

SILVA, Daniel Neves. "Tratado de Versalhes". **Brasil Escola**. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiag/tratado-versalhes.htm>. Acesso em 05 de jul. de 2021.

TEIXEIRA, Rusny. Guerra de Canudos: o que foi?. **Politize!**. 11 de set. de 2020. Disponível em: <https://www.politize.com.br/guerra-de-canudos/>. Acesso em: 04 de jul. de 2021.

VIEW, The. **Margaret Atwood Talks Real Life Gilead Events | The View**. 2019. (3m22s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jyYLVeZIrO0> Acesso em: 02 de abr. de 2021.